

**SOLICITAÇÃO DE REGISTRO DE BEM CULTURAL**

**QUILOMBOS DO DIA DE REIS EM JUAZEIRO DO NORTE  
(Quilombo de Reis)**



**Local de ocorrência da celebração:** Juazeiro do Norte

**Data de ocorrência:** 06 de janeiro (Dia de Reis)

**Proponente:** Antônio Ferreira Evangelista (Mestre do Grupo Reisado dos Irmãos Discípulos de Mestre Pedro - Tesouro Vivo Secult Ce 2008) e outros

## FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE REGISTRO DE BENS CULTURAIS

O registro de bens culturais de natureza imaterial ou intangível que constituem o Patrimônio Cultural do Ceará foi instituído pela Lei Estadual Nº 13.427, de 30 de dezembro de 2003. A solicitação de instauração de processos de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial cabe às entidades e aos órgãos públicos da área cultural, a qualquer cidadão ou associação civil.

### 1. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE

<b>1.1 Nome ou Razão Social do Proponente:</b> Antônio Ferreira Evangelista Mestre do Grupo Reisado dos Irmãos Discípulos de Mestre Pedro		<b>1.2 CPF/CNPJ:</b>  710.047.503-15
<b>1.3 Endereço:</b> Rua Jaime Dorcy, 609		<b>1.4 Bairro:</b> João Cabral
<b>1.5 Cidade:</b> Juazeiro do Norte		<b>Ceará</b>
<b>1.6 Telefones:</b> 0(xx) 88 98878.2153	<b>1.7 E-mail</b> quilombo.juazeiro@gmail.com	<b>1.8 Site (se houver):</b> www.secult.ce.gov.br/index.php/tesouros-vivos-da-cultura/43601

### 2. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

<b>2.1 Denominação do Bem Cultural</b>
Quilombos do Dia de Reis em Juazeiro do Norte (Quilombo de Reis)
<b>2.2 Livro(s) de Registro Proposto(s) para o Bem Cultural</b>
<input type="checkbox"/> Livro de Registro dos Saberes <input checked="" type="checkbox"/> Livro de Registro das Celebrações <input type="checkbox"/> Livro de Registro das Formas de Expressão <input type="checkbox"/> Livro de Registro dos Lugares <input type="checkbox"/> Livro dos Guardiões da Memória
<b>2.3 Breve Histórico</b>
<p>No fluxo da cultura no tempo, uma linha de continuidades e rupturas une África, Santidades Indígenas na Bahia, Quilombo de Palmares e a Festa de Reis no Juazeiro do Padre Cícero.</p> <p>O termo Quilombo pode ter origem em Angola, que por mais de 300 anos enviou pessoas de pele negra para serem escravizadas no Brasil. Estudiosos escrevem que os guerreiros do Kilombo, uma sociedade guerreira ovimbundo com rituais de iniciação muito precisos e com uma disciplina militar estrita, estavam em permanente hostilidade com os europeus. Em Bantu, Kilombo designa “acampamento ou fortaleza”.</p>

O Quilombo ganhou a imaginação social com o Quilombo de Palmares (Angola Janga), na Serra da Barriga em Alagoas, onde culturas, memórias, narrativas, práticas, saberes e identidades de povos africanos, bem como de outros grupos perseguidos pela sociedade colonial escravocrata e patriarcal como indígenas, mouros, ciganos, aventureiros e desertores, ocuparam a cena pública, puderam experimentar a liberdade, se desenvolver de forma contestatória e reivindicatória.

A organização da rede de mocambos de Palmares ocorreu no final dos anos 1580 e por mais de 100 anos o Sobado significou um Estado independente no sertão nordestino. Em 1695 o herói Zumbi dos Palmares foi preso e executado pelas autoridades, mas poucos dias depois um novo líder de nome Camoanga apareceu armado à frente de quilombolas. Sobreviventes dos mocambos que escaparam dos exércitos de aniquilação estabeleceram povoações pacíficas pela região das matas alagoanas, que com o tempo constituíram uma população considerável de negros, mulatos, brancos, cafuzos e índios. Até o século XIX, essas matas com povoados remanescentes de quilombo continuaram indevassadas e provem justamente desta região alagoana, grande parte dos romeiros que na virada do século XIX para o XX migraram para junto do Padre Cícero em Juazeiro, procurando a redenção do corpo e da alma na cidade baluarte do mundo beato.

Observa-se que a Guerra dos Matos movida pelas autoridades coloniais contra Palmares e a colonização do Cariri Cearense onde fica Juazeiro do Norte são processos coetâneos. O Cariri Cearense recebeu moradores não índios nos últimos anos do século XVII, quando desbravadores encontraram o fértil vale nas encostas da Chapada do Araripe. No século XVIII, com o genocídio indígena Cariri e o trabalho escravo das pessoas de pele negra, os colonos fundaram fazendas de gado e inscreveram o território na civilização do boi, do couro e da rapadura. Em algumas dessas primeiras fazendas, os senhores consentiam que os negros, índios e caboclos realizassem festas no Ciclo Natalino, quando os trabalhadores podiam reviver seus saberes clandestinos e desprezados, rememorar deuses, costumes, tradições e folguedos. Defendem os memorialistas que nestes festejos estão os fundamentos das culturas ainda hoje vistas durante a celebração dos Quilombos no Ciclo de Reis em Juazeiro.

A partir do sacerdócio do lendário Padre Cícero Romão Baptista (1844-1934), que celebrou a primeira missa em Juazeiro no Natal de 1871, e após a notícia dos fatos que se repetiram com a Beata Maria de Araújo (1889 – Milagre da Hóstia), milhares de migrantes abandonaram seus territórios de origem e se refugiaram em Juazeiro do Norte. Neste grande encontro de povos propiciado pelo mundo beato, mestres da cultura adventícios trocaram saberes com os mestres das culturas locais, formando gerações de aprendizes na música, artesanato, em grupos de reisado, lapinhas e bandas cabaçais, tornando Juazeiro um celeiro síntese das culturas populares sertanejas.

Em Juazeiro, auspiciadas pelo Padre Cícero, memórias, culturas e saberes dos povos de Palmares encontraram uma escuta adequada. Ao tempo em que a Terra da Mãe de Deus cresceu à feição de um grande quilombo, com casas de taipa cobertas de palha, onde descendentes de índios, negros, caboclos e brancos pobres desenvolviam as formas de um catolicismo popular, narrativas míticas do Quilombo de Palmares e da Guerra dos Matos invadiram as práticas culturais e conformaram a grande celebração do Quilombo do Dia de Reis.

A história oral e a literatura mostram que o Natal sempre foi o tempo mais valorizado pelo Padre Cícero, que orientava os praticantes e ensaiava pessoalmente reisados, lapinhas, bumba meu boi, banda cabaçal, dando a sua aprovação para os grupos brincarem o Quilombo. As festas natalinas iniciavam em 20 de dezembro com lapinhas infantis nos presépios nas casas e seguiam até 06 de janeiro, o Dia de Reis, encerramento e apoteose das culturas populares do Cariri. No dia mais esperado do ano, moradores e visitantes viam nas ruas e praças cegos tocadores de rabeça, bandas

cabaçais música de couro, congos, bumba meu boi, reisados, guerreiros, teatro de rua, presépio vivo, caretas com chicotes, aboiadores, repentistas e violeiros, todos a convergirem para o maior dos espetáculos, que eram os “Quilombos” na praça do Quadro Grande.

Escreveram os memorialistas que no Quadro Grande, atual Praça Padre Cícero, “pela manhã do dia 06, ‘Dia de Rei’, já encontrava-se armada em um canto da praça a barraca dos “Quilombos”, via-se em torno da barraca uma espécie de sítio, simulado com mamoeiros, grandes touceiras de bananeiras, alguns pés de cana e outras fruteiras arranjadas nos brejos altas horas da noite, tal qual se fazia para as Quintas de Judas na Semana Santa. Aquilo representava o Palácio do Rei e seus domínios. Do outro lado da praça ficava uma outra barraca, acampamento dos “índios” comandados por um “oficial” em trajes militares e outro representando o “Embaixador”, ambos usando espadas. Os índios comandados pelo oficial formavam a tropa inimiga dos negros “Quilombos”, e usavam vestes características indígenas, tangas e cocares feitos de penas, tendo como armas o arco e a flecha; o corpo era pintado `a tinta vermelha da semente de urucum.

Logo pela manhã, quilombolas organizados tendo `a frente o Rei, a Rainha, o Príncipe e o Secretário, além de dois Mateus e duas Catirinas, acompanhados por uma “banda cabaçal”, percorriam as ruas cantando e dançando uma marcha guerreira de ritmo cadenciado, executando na dança um interessante cruzamento de passos.

Os dois grupos percorriam as ruas procurando evitar o encontro, que só devia ocorrer na praça por ocasião do ataque à corte do Rei Negro. Quando chegavam no Quadro Grande, os grupos se recolhiam nos seus domínios e começavam os festejos ao som da banda cabaçal. Por volta das duas horas efetuava-se o primeiro assalto ao palácio do Rei Negro - depois das embaixadas, o Príncipe Negro e o Secretário enfrentavam o General e o Embaixador, as espadas cruzavam-se simulando uma luta real. Na terceira investida, a defesa quilombola ia se enfraquecendo e os índios invadiam os domínios destruindo tudo, os vitoriosos organizavam os vencidos em colunas e acompanhados pelas duas bandas cabaçais iniciavam um cortejo pelas ruas, fazendo a venda simulada dos cativos para colherem moedas como gratificação pelas representações.

Na passagem do tempo, uma sucessão de mestres e brincantes vem lapidando a celebração do Quilombo no Dia de Reis. Zuza Cordeiro, Orlando Tomé, Dedé de Luna, Olímpio Boneca, Pedro de Almeida, Zequinha, Tico, Aldenir Callou, entre muitos outros, receberam o Reisado das mãos dos mais antigos e deram prosseguimento à tradição. Muitos dos mestres apresentaram seu grupo de tradição ao Padre Cícero, dele receberam o ensinamento e o pedido de todos os anos festejarem o Menino Jesus. O mesmo aconteceu com as bandas cabaçais, transmitidas familiarmente, algumas tocaram na Guerra de 1914 no Ceará e hoje têm mais de 120 anos de criação. As Lapinhas mantiveram sua fidelidade às tradições natalinas e na atualidade, enquanto esperam os reisados nos Quilombos, as crianças cantam as mesmas estrofes que as bisavós 100 anos atrás.

#### **2.4 Características**

(Breve descrição, materiais, objetos, acessórios, técnicas e/ou modos de fazer envolvidos)

Hoje em Juazeiro do Norte ainda é possível presenciar uma grandiosa celebração popular em 25 de dezembro, 01 e 06 de janeiro (Dia de Reis), datas chamadas pelos moradores de dias de “Quilombo”. Especialmente no Dia de Reis, cerca de 20 grupos de Reisado de Congo, dois grupos de Guerreiro, oito Bandas Cabaçais, 10 Lapinhas, centenas de caretas mascarados, músicos e milhares de acompanhantes tomam as ruas da cidade festivamente, para realização de ritos imbricados no cotidiano e nas memórias da comunidade, continuando uma das festas mais ricas em referências culturais do Ciclo Natalino Brasileiro.



O Reisado de Congo de Juazeiro tem na tradição de “Tirar Quilombo” no Dia de Reis a sua razão de existir. O grupo de Reisado sai no Quilombo formado pelo mestre, dois palhaços Mateus com a face melada com carvão e cafuringa na cabeça, uma Catirina (homem vestido de mulher), o rei, a rainha e o contramestre, ladeados por dois cordões, de cada lado, em fila, embaixador, guia, contraguia, coice, contracoice e o bandeirinha. Assim como a descrição do Dia de Reis de outrora, os reisados fazem cortejos (“Tiram Quilombo”) nas ruas acompanhados pelos músicos da Banda Cabaçal, por zabumbeiros, pifeiros, violeiros e sanfoneiros.

O Guerreiro é uma variação do Reisado desenvolvida em Juazeiro por mulheres aprendizes da mestra alagoana Maria Margarida da Conceição (Tesouro Vivo Secult Ce). A Banda Cabaçal, composta pifeiros, tocadores de zabumba, caixa e tarol, remete às culturas indígenas. Lapinhas são grupos com até 60 crianças, que encenam o nascimento de Jesus em presépios montados nas residências, com um enredo que envolve catequese e mitologia indígena Cariri.

A celebração do Quilombo começa com grupos de reisado, guerreiro, banda cabaçal e Lapinhas no Natal, no primeiro de janeiro aumenta a intensidade da festa e a apoteose ocorre no Dia de Reis. Em Juazeiro, o dia 06 de janeiro continua a ser o dia quando todas as culturas populares saem às ruas, milhares de brincantes e apreciadores vão de bairro em bairro atrás dos cortejos e dos encontros de reisado que sacodem a cidade, grupos de Dança do Coco, Maneiro Pau, São Gonçalo, cantores de benditos, cantadores e violeiros também aparecem e podem ser vistos nas ruas.

No Quilombo de Reis, logo de madrugada, os brincantes se reúnem nas sedes dos reisados e guerreiros, trajam capa, meião, peitoral e coroa, o mestre ou outra pessoa designada por ele reza pela Proteção Divina na jornada representativa da visita dos Reis Magos ao Messias recém nascido. Em seguida, os brincantes saem em cortejo (“Quilombo”) pelos bairros, aos poucos vão ganhando a cidade ao som da zabumba, das caixas, da viola e do pífano das cabaçais, vivenciando uma sucessão de obrigações, penitências, aventuras e peripécias numa caminhada sob sol abrasador que alcança distâncias inimagináveis até o anoitecer.

No Quilombo de Reis, os grupos de reisado, guerreiro, banda cabaçal e lapinhas cumprem um roteiro de visitas a casas de amigos, mestres aposentados, familiares de brincantes, igrejas e locais sagrados como capelinhas e cruzeiros, onde “Tiram o Divino” nos pés dos Santos cantando e dançando peças antigas, alusivas à história de Juazeiro e ao Padre Cícero, como também algumas composições mais recentes nas toadas de valsa, baião e pinicados de viola. O mestre puxa a peça, o coro responde em primeira e segunda voz, zabumbeiros, pifeiros, sanfoneiros, violeiros, rabequeiros, instrumentistas de cavaquinho, banjo e outros acompanham as peças cantadas no rito.

O cortejo do Quilombo é seguido por uma comitiva de moradores, familiares de praticantes e apreciadores que pode somar mais de dois mil pessoas, que fecham ruas, interrompem o tráfego e se apropriam da cidade festivamente. Durante todo o Dia de Reis, Reisados, Guerreiros e Cabaçais visitam as sedes das Lapinhas, onde são esperados para participar do rito que marca o encerramento do Ciclo Natalino – a “Queima das Palhinhas”, evidenciando que as Lapinhas são referências culturais do Quilombo do Dia de Reis também.

No caminho entre uma visita e outra para “Tirar o Divino” ou “Queimar as Palhinhas”, ocorrem os esperados “Encontros de Reisados”. Quando durante o Quilombo, dois grupos de Reisado ou Guerreiro finalmente se encontram na rua, uma complexa dramaturgia ritual acontece, com embaixadas entre palhaços Mateus, entre mestres e embaixadores, com toques de zabumba e pifes que vão tornando a cena cada vez mais tensa, até que no auge das inconciliáveis tratativas estoura a guerra, quando mestres, reis e embaixadores jogam espadas, para a euforia da multidão presente.

O encontro de reisados e o jogo de espadas no Dia de Reis são o ápice da celebração do Quilombo. De acordo com a tradição, o jogo de espadas é desencadeado com o objetivo de tomar a rainha do outro grupo. O jogo ocorre por meio da “marcação do ponto”: antes de golpear, o brincante preserva o adversário, avisa por meio de movimento desenhado com a lâmina no ar, em qual parte do corpo e o modo como vai atacar, para que o outro possa aparar o golpe e não se ferir, responder com o contra-ataque e assim os dois prosseguem a brincadeira como uma dança guerreira, marcada no compasso do tilintar do metal, da batida da zabumba e a música cabaçal.

Com perícia, coragem e imaginação, os mestres lapidaram pelo menos 20 pontos de espada, mas nem todos os brincantes conhecem todos os pontos e assim podem acabar perdendo a rainha no jogo de espadas. Quando a menina de seis a 10 anos é roubada, o que pode vir a acontecer também em encontros de reisados nos Quilombos do Natal ou no Dia de Ano, a tradição diz que ela deve permanecer sob os cuidados zelosos do outro grupo, até ser devolvida no Dia de Reis, no rito do “Trono da Rainha”.

Na véspera do Dia de Reis, praticantes e apreciadores do Quilombo confeccionam o “Trono da Rainha” próximo às sedes dos reisados ou em área pública comum definida pelos mestres. O Trono é uma estrutura resistente feita com palha de palmeira macaúba trançada, adornada com véu, cetim e flores, com uma cadeira alta para a rainha se sentar. Quando retornam do cortejo, os brincantes encerram os festejos do Quilombo no Trono, onde recebem a visitas de outros grupos amigos, fazem cenas do Rei, de Mateus, de entremeios e jogam espadas até alguém roubar a rainha, com cânticos que atravessam a noite, trazendo grande público de moradores,romeiros e apreciadores.

Ao lado das referências sumariamente descritas, destaca-se na celebração dos Quilombos a presença de brincantes que continuam a tradição dos caretas do nordeste brasileiro. Os jovens chamam a si mesmos de “entremeio” ou de “cão”, brincam anônimos com máscara assustadora e macacão preto, usam um longo chicote de câmara de pneu que golpeiam no chão produzindo estampido. Os “bichos”, como são chamados, se multiplicaram nos últimos anos e passaram a predominar nos cortejos do Quilombo. Quando os Reisados e Guerreiro estão prestes a sair para o Quilombo, dezenas de entremeios chegam nas sedes usando a sua máscaras personalizada com couro, chifres, pelo de bode e pedem ao mestre para acompanhar o grupo.

Os entremeios saem à frente do Quilombo, vão abrindo caminho pelas ruas estourando o relho, o estampido é alto, os meninos brincam enganando a voz, provocando susto, medo, piada e risos. Quando acontece um encontro de reisados, antes dos Reis jogarem espadas, se os mestres autorizarem, os mascarados fazem o “Encontro de Relhos”, do qual emerge o Rei do Relho. Depois, os entremeios protegem a cena do encontro, esticando os chicotes como se fosse um cordão de isolamento, para os mestres, reis e embaixadores jogarem espadas livremente.

Alguns setores impressionados com a força dos Quilombos na atualidade, as ruas fechadas, a presença dos entremeios estourando chicote e as grandes comitivas atrás dos cortejos, difundiram narrativas generalizantes e equivocadas de que encontros de reisados, Quilombos e caretas podem favorecer situações de violência. Quem participa do Quilombo no Dia de Reis e do cotidiano das sedes, vivencia o empenho dos brincantes na transmissão dos saberes, para superar a morte dos mestres, para que a precariedade econômica não impeça a continuidade da tradição e a celebração transcorra com tranquilidade. Os praticantes se percebem como responsáveis pela continuidade de uma cultura relevante e mostram que as fragilidades indesejadas ocorrem devido às condições que atingem os trabalhadores brasileiros praticamente em todas as cidades do país.

## **2.5 Atividades e/ou práticas relacionadas**

A sede dos grupos de tradição em Juazeiro, na falta de um outro local mais apropriado, é a residência do mestre, que disponibiliza a casa para as práticas culturais coletivas. As sedes estão localizadas nas áreas de menor renda da cidade, são espaços de transmissão dos saberes e da criatividade, de aprendizagem e sociabilidade, onde o mestre exerce sua liderança, ensaia os brincantes, educa as crianças e os jovens, promovendo as festas e o amparo humanitário. Assim, as atividades socioculturais e as práticas formativas nas sedes dos grupos ao longo do ano fortalecem a continuidade da celebração dos Quilombos de Reis, o momento mais esperado pela comunidade.

Em vista da preponderância do Padre Cícero na conformação das culturas populares em Juazeiro, ao lado de brincarem o Quilombo no Ciclo de Reis, os grupos elaboraram ritos próprios como a “Benção dos Trajes” no Horto, marcam presença nas romarias de Candeias (02 de fevereiro), de aniversário do Padre Cícero (24 de março), de morte do Padre Cícero (20 de julho), da Padroeira (setembro) e de Finados (02 de novembro). Quando são convidados, os grupos prestigiam eventos de produtores culturais, bem como tradicionalmente animam as festas de batismo, casamentos, aniversários e “Renovações” no bairro onde moram, onde cumprem a função do Sagrado. Nestas festas comunitárias, os reisados fazem a brincadeira do terreiro, com a representação de entremeios como Boi, Burrinha, Velho Anastácio, Jaraguá, Babau, Guriabá, São Miguel, a Alma e o Cão.

Na medida que os grupos continuam atividades e práticas coletivas ao longo do ano, o tecido comunitário fica cada vez mais fortalecido, os mestres conversam entre si, planejam, ensaiam, buscam recuperar saberes com os mais idosos e aperfeiçoar os modos de tirar Quilombos, seguindo as tradições aprendidas à luz das condições do presente. Nesse sentido, a produção do Quilombo envolve costureiras, artesões, bordadeiras, trabalhadores do couro, sapateiros e outros artífices que costuram trajes, confeccionam espadas, cafuringas de Mateus, coroas, máscaras e os instrumentos musicais da festa como pifes de taboca ou PVC, zabumbas e rabecas, aproveitando materiais recicláveis e comprando itens nos mercados, movimentando a economia da cidade.

## **2.6 Área de ocorrência e/ou locais relacionados com o bem**

A celebração dos Quilombos ocorre principalmente nos bairros onde ficam as sedes dos grupos e os brincantes residem. Cortejos, visitas, “Tiração de Divino”, presépios, queima das palhinhas, encontros de reisados e guerreiros, jogo de espada, roubo da rainha, encontro de entremeios, rei do relho, trono da rainha predominam nos bairros João Cabral, Frei Damião, Mutirão, Pio XII, Franciscanos, Casas Populares, Pirajá, Tiradentes, Aeroporto, Salesianos e Horto.

Por tradição, os cortejos do Quilombo saem das áreas periféricas e fluem para o centro da cidade, para reisados, guerreiros e cabaçais tirarem o Divino nas Igrejas de Nossa Senhora das Dores e no túmulo do Padre Cícero no Socorro. Em vista da tradicional afluência dos grupos para a região central, moradores e trabalhadores ficam alertas para a passagem dos cortejos, as exibições e encontros de reisado são esperados por um grande público no Largo do Socorro, na Matriz e na Praça Padre Cícero, onde as Lapinhas fazem o rito da Queima das Palhinhas.

Observa-se que a celebração do Quilombo do Dia de Reis em Juazeiro tem lugar e data específicos de ocorrência, porém é importante destacar que a festa mobiliza grupos tradicionais de outras cidades de dentro e fora do Cariri também. Assim como outrora, grupos da Bela Vista e da Batateira em Crato, bandas cabaçais de Barbalha e pifeiros de Missão Velha, reisados, guerreiros e bandas de pife de Alagoas e do sertão Pernambucano, áreas de concentração deromeiros do Padre Cícero, costumam estar presentes nos Quilombos de Reis, abrilhantando ainda mais a festa.



## 2.7 Comunidades envolvidas e significados atribuídos

A partir de maio de 2008, os mestres e a comunidade brincante vem participando de encontros com colaboradores, pesquisadores e apreciadores da festa, para conversar sobre a validade do Quilombo ser registrado como Patrimônio Cultural. Em reunião em novembro de 2010 com os mestres e líderes de grupos, cada liderança informou o roteiro que viria a percorrer no Dia de Reis, indicando residências, igrejas e locais sagrados onde iriam tirar Divino, queimar palhinhas e como fariam o Trono da Rainha. As informações foram organizadas e a programação emergiu com 175 ações gratuitas em diversas partes da cidade, sem contar os encontros de reisados imprevisíveis. Desde então, algumas pesquisas e projetos pensando os Quilombos e os Reisados como patrimônio cultural vem sendo debatidos com a comunidade.

Assim, são proponentes da solicitação de abertura do Processo de Registro da Celebração do Quilombo de Reis de Juazeiro do Norte como Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, representantes de grupos de Reisado, Banda Cabaçal, Lapinha, entremeios, cantora de benditos, atiradores de bacamarte, entre outros. É preciso destacar que sete Mestres da Cultura titulados pelo programa Tesouros Vivos do Estado do Ceará são participantes do Quilombo e encabeçam a lista dos proponentes. Assinam esta solicitação, representando suas comunidades: Mestre Antônio Evangelista (Reisado dos Irmãos – João Cabral); Mestre Francisco Felipe Marques (Reisado Coração de Jesus – Bairro Salesiano); Mestra Maria Margarida da Conceição (Guerreiro Joana D’Arc); Mestra D. Maria do Horto (Cantora de Benditos - Horto); Mestre Aldenir Callou (Reisado da Bela Vista – Crato); Mestre Raimundo Aniceto (Banda Cabaçal Irmãos Aniceto – Crato); Mestre José Demétrio Araújo (Vila Padre Cícero - Crato).

Junto com os Mestres da Cultura titulados, também assinam esse pedido, representando seus respectivos grupos e comunidades: Maria Auxiliadora Evangelista (Reisado dos Irmãos); Mestra Vicência Lima Gomes (Reisado Cosme e Damião); Mestre Antônio dos Santos (Reisado Nossa Senhora das Dores); Francisco Bento da Silva (Reisado Frei Damião); José Nilton de Souza (Reisado Mirim Menino Deus); Raimundo Félix da Silva (Reisado dos Franciscanos); José Amaro da Silva (Reisado Santa Helena), Mestre Antônio Félix (Reisado São Jorge); Cícero Francelino da Silva (Reisado Manoel Messias); Flaviana Evangelista (Guerreiras de Santa Madalena); Raimundo Ferreira Evangelista (Palhaço Mateus); Mestre Assis Cachoeira (Palhaço Mateus); Cícero Bacurau (líder dos Entremeios); Mestre Moisés Ricarto (Bela Vista – Crato); Domingos da Rocha (Banda Cabaçal Padre Cícero); Mestre Expedito Antônio do Nascimento (Banda Cabaçal Santo Expedito); João Bosco Ferreira Paz (Reisado Reis do Oriente e Banda Cabaçal São João Batista); Mestra Clotilde Antônia de Menezes (Reisado Santa Terezinha); Luiz Cláudio da Silva (Reisado São Luiz); Vicência Leite de Oliveira (Lapinha Menino Jesus); Francisco Gomes Novais (Bacamarteiros da Paz); Cícero Ribeiro (mestre pifeiro - Missão Velha).

Ao lado da comunidade brincante, subscrevem esta petição: Dane de Jade (Coordenadora do Escritório Regional da Secult Ce - Cariri); Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (Antropóloga); Oswald Barroso (Professor da UECE); Rosemberg Cariry (cineasta); Raimundo Santana (Deputado Estadual); Renato Roseno (Deputado Estadual); Diana Barbosa (presidenta do Instituto Cultural do Vale do Cariri –ICVC); Ricardo Pinto (Gerência Centro Cultural BNB Cariri); Felipe Teixeira Bueno Caixeta (pesquisador).

As comunidades percebem o Quilombo de Reis como o centro de mundo e quase todas as dimensões da vida remetem a ele. O Registro é um objetivo comum estabelecido que cria entusiasmo, dissipa oposições, une mestres de grupos, territórios urbanos e expressões variadas, brincantes, entremeios e a sociedade, reconciliando a cidade com a sua Cultura.



## 2.8 Fotografias

Lista de imagens em anexo:

- Figura 1 – As festas no Quadro Grande no princípio do século XX
- Figura 2 – Praticantes do Reisado no cortejo do Quilombo do Dia Dia de Reis
- Figura 3 – Reisado dos Irmãos tirando Quilombo no Dia de Reis
- Figura 4 – Cortejo do Quilombo atravessando a Feira do Pirajá
- Figura 5 – Reisados fazem visitas e “Tiram o Divino” nas casas nos Quilombos de Reis
- Figura 6 – Os Quilombos vão tomando as ruas em várias partes da cidade
- Figura 7 – Cortejos de Reisado deixam as sedes e percorrem os bairros no Quilombo de Reis
- Figura 8 – O Guerreiro, a Banda Cabaçal e mestres pifeiros tirando o Quilombo de Reis
- Figura 9 – Grupo de Guerreiro tirando Quilombo no Dia de Reis
- Figura 10 – O entremeio cão no Quilombo de Reis
- Figura 11 – Centenas de caretas mascarados brincam Quilombo de Reis
- Figura 12 – As crianças se divertem e querem participar dos Quilombos também
- Figura 13 - O Encontro de Reisados, a apoteose do Quilombo
- Figura 14 - Encontro de Reisados e jogo de espadas no Quilombo de Reis
- Figura 15 - Lapinhas aguardam Reisados, Guerreiros e Cabaçais para queimar as Palhinhas
- Figura 16 - Grupo de Lapinha na Praça Padre Cícero no Dia de Reis
- Figura 17 - Os grupos chegam de toda parte da cidade para celebrar o Quilombo de Reis
- Figura 18 – Reisados, Guerreiros e Bandas Cabaçais celebram os ritos do Trono da Rainha
- Figura 19 - O Trono da Rainha no Quilombo do Dia de Reis
- Figura 20 - Encontro de Reisados no Trono da Rainha no Quilombo do Dia de Reis
- Figura 21 - Mestre Aldenir Callou fala sobre a importância dos Quilombos do Dia de Reis em Juazeiro do Norte para todas as culturas populares do Cariri
- Figura 22 – A continuidade da tradição do Quilombo na alegria das crianças no Dia de Reis

## 2.9 Matérias jornalísticas, outros documentos e formas de registro (se houver)

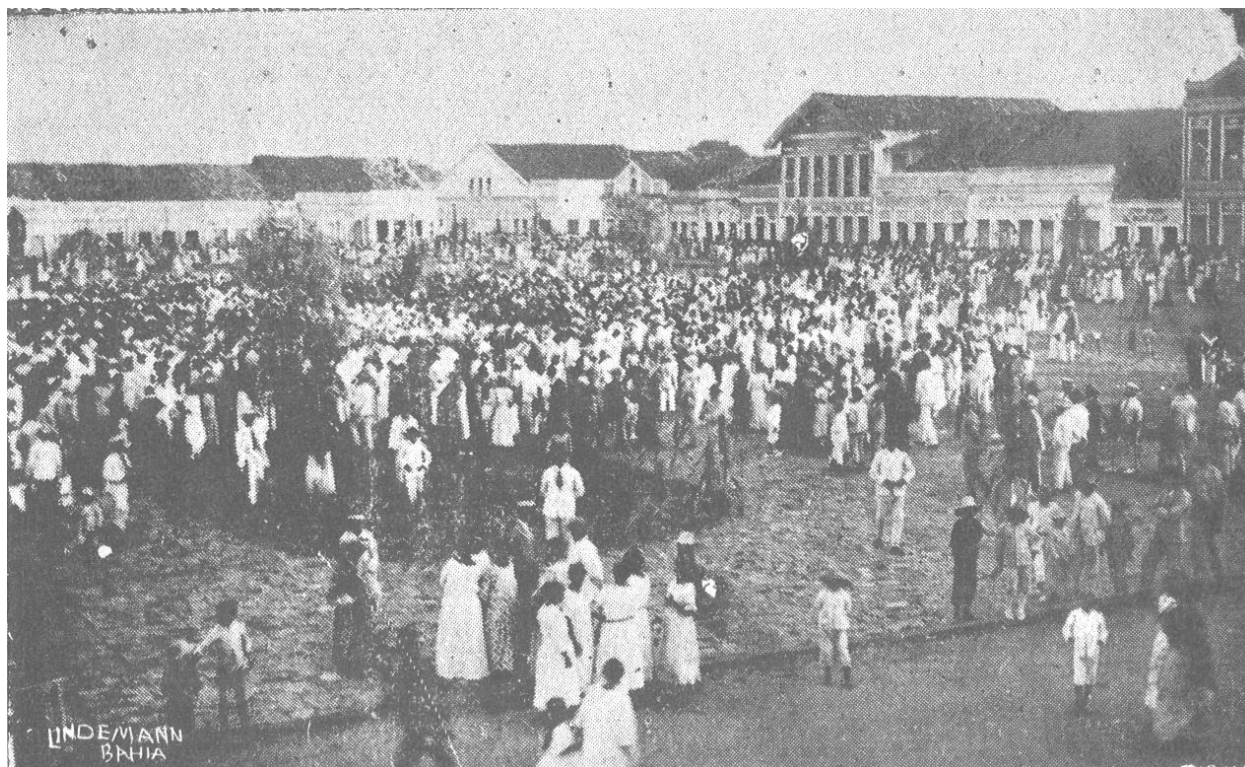
A celebração do Quilombo de Reis recebe destaque nos principais veículos de informação do Cariri como TV Verde Vale, Tv Verdes Mares, Jornal Diário do Nordeste e mídias sociais, conforme evidencia pesquisa realizada na internet e apresentada em anexo.

Os Quilombos têm sido apreciados por diversos pesquisadores, fotógrafos e cineastas, entre eles figura a dissertação de mestrado “Dia de Quilombo”, defendida em outubro de 2016 na UFF pelo pesquisador Felipe Caixeta, fruto de 10 anos de trabalhos junto à comunidade brincante.

Diversas filmagens vem sendo realizadas e o curta metragem “Dia de Reis no Juazeiro do Padre Cícero” ilustra sinteticamente alguns dos ritos que acontecem na celebração dos Quilombos. O vídeo está disponível no dvd em anexo.

Data	Assinatura
11 de maio de 2017	<i>Antonio Ferreira Evangelista</i>

Figura 1 – As festas no Quadro Grande no princípio do século XX



Fonte: DHDPG – Diocese de Crato  
Local: Juazeiro do Norte  
Data: não informada

Figura 2 – Praticantes do Reisado no cortejo do Quilombo no Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2005



Figura 3 – Reisado dos Irmãos tirando Quilombo no Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2005

Figura 4 – Cortejo do Quilombo atravessando a Feira do Pirajá



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro Pirajá - Juazeiro do Norte  
Data: 2005

Figura 5 – Reisados fazem visitas e “Tiram o Divino” nas casas nos Quilombos de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2017

Figura 6 – Os Quilombos vão tomando as ruas em várias partes da cidade



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro Pirajá - Juazeiro do Norte  
Data: 2017



Figura 7 – Cortejos de Reisado deixam as sedes e percorrem os bairros no Quilombo de Reis



Fonte: Acervo dos Grupos  
Local: Bairro Mutirão - Juazeiro do Norte  
Data: 2017

Figura 8 – O Guerreiro, a Banda Cabaçal e mestres pifeiros tirando o Quilombo de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2005



Figura 9 – Grupo de Guerreiro tirando Quilombo no Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2005

Figura 10 – O entremeio cão no Quilombo de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2005

Figura 11 – Centenas de caretas mascarados brincam Quilombo de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2017

Figura 12 – As crianças se divertem e querem participar dos Quilombos também



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro João Cabral - Juazeiro do Norte  
Data: 2017



Figura 13 - O Encontro de Reisados, a apoteose do Quilombo



Fonte Acervo dos grupos  
Local: Bairro Casas Populares - Juazeiro do Norte  
Data: 2005

Figura 14 – Encontro de Reisados e jogo de espadas no Quilombo de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Bairro Frei Damião - Juazeiro do Norte  
Data: 2017



Figura 15 – Lapinhas aguardam Reisados, Guerreiros e Cabaçais para queimar as Palhinhas



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Praça Padre Cícero - Juazeiro do Norte  
Data: 2017

Figura 16 – Grupo de Lapinha na Praça Padre Cícero no Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Praça Padre Cícero - Juazeiro do Norte  
Data: 2017



Figura 17 – Os grupos chegam de toda parte da cidade para celebrar o Quilombo de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Praça Padre Cícero - Juazeiro do Norte  
Data: 2010

Figura 18 – Reisados, Guerreiros e Bandas Cabaçais celebram os ritos do Trono da Rainha



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Largo da Matriz - Juazeiro do Norte  
Data: 2010

Figura 19 – O Trono da Rainha no Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Largo da Matriz - Juazeiro do Norte  
Data: 2010

Figura 20 – Encontro de Reisados no Trono da Rainha no Quilombo Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Largo da Matriz - Juazeiro do Norte  
Data: 2010



Figura 21 – Mestre Aldenir Callou fala sobre a importância da celebração dos Quilombos do Dia de Reis no Juazeiro do Padre Cícero para todas as culturas populares do Cariri



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Largo da Matriz - Juazeiro do Norte  
Data: 2010

Figura 22 – A continuidade da tradição do Quilombo na alegria das crianças no Dia de Reis



Fonte: Acervo dos grupos  
Local: Largo da Matriz - Juazeiro do Norte  
Data: 2010